

REALIZAÇÃO DE EXAMES CITOPATOLÓGICOS NO PERÍODO ENTRE 2016 E 2022

JÚLIA MARTINS LACERDA¹; GUSTAVO OLIVEIRA ANASTÁCIO SILVA²;
GRACIELA VELARDE ALVAREZ DE OLIVEIRA³; MARIANA SILVEIRA ALVES⁴;
MARIA LAURA VIDAL CARRETT⁵

1 - Universidade Federal de Pelotas; martinslacerdajulia@gmail.com

2 - Universidade Federal de Pelotas; go46926@gmail.com

3 - Universidade Federal de Pelotas; gracivelarde@hotmail.com

4 - Universidade Federal de Pelotas; maricota1104@gmail.com

5 - Universidade Federal de Pelotas; mvcarret@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) é a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). A APS tem como um de seus atributos, a acessibilidade do usuário ao sistema de saúde para produção do cuidado, sendo essa uma condição para que os fluxos assistenciais sejam operacionalizados pelos profissionais. Outro atributo da APS é a integralidade desse cuidado, de forma a garantir um olhar ampliado para esse usuário, que vai muito além de tratamento de doenças, nas medidas preventivas e de promoção à saúde, gerando benefícios incondicionais à população. Entre as medidas de prevenção em saúde encontram-se as ações de promoção e prevenção ao câncer de colo de útero (FERNANDES, 2019; CASARIN, 2011; FERREIRA, 2022).

O câncer do colo do útero (CCU) se desenvolve na parte inferior do útero, mais precisamente na junção escamocolunar (JEC), local onde o epitélio colunar é justaposto ao epitélio escamoso liso. O crescimento desordenado e alterações celulares locais, associada a presença do papilomavírus humano (HPV), em mais de 90% dos casos, podem levar ao câncer de colo de útero (FREITAS, 2023).

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA) de 2022, o câncer do colo do útero é o terceiro tipo de câncer mais incidente entre mulheres, quando excluídos os tumores de pele não melanoma e a quarta causa de morte por câncer em mulheres, no Brasil. Ao se tratar de análise regional, o CCU é o quarto mais incidente na Região Sul (INCA, 2022).

O exame citopatológico do colo uterino convencional (também conhecido como exame de Papanicolau ou “CP”) consiste na coleta de células da JEC para posterior avaliação citopatológica, o que possibilita a identificação de lesões precursoras de câncer. Essa técnica de rastreamento de lesões precursoras do câncer de colo uterino tem sido amplamente usada no SUS, por ser considerada simples e de baixo custo (FREITAS, 2023). A partir da detecção precoce de tais lesões, é possível tratá-las de forma adequada, com prevenção do desenvolvimento da doença. Atualmente, a recomendação de rastreamento pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e seguida pelo Ministério da Saúde do Brasil é de que o exame de Papanicolau seja realizado em mulheres dos 25 aos 64 anos, anualmente, e quando houver dois exames negativos consecutivos, a realização passa a ser indicada a cada três anos. Quando o resultado do exame se encontra alterado, deve-se

seguir as recomendações de acordo com esse resultado, de forma a garantir um melhor prognóstico (BRASIL, 2013). De acordo com o INCA, com uma cobertura de rastreamento do CCU na população-alvo de, pelo menos, 80% e seguimento adequado é possível diminuir, em média, 60 a 90% da incidência do câncer cervical invasivo (INCA, 2021; FERREIRA, 2022). Assim, estar atento a essa cobertura é de extrema importância para diminuir a incidência de CCU.

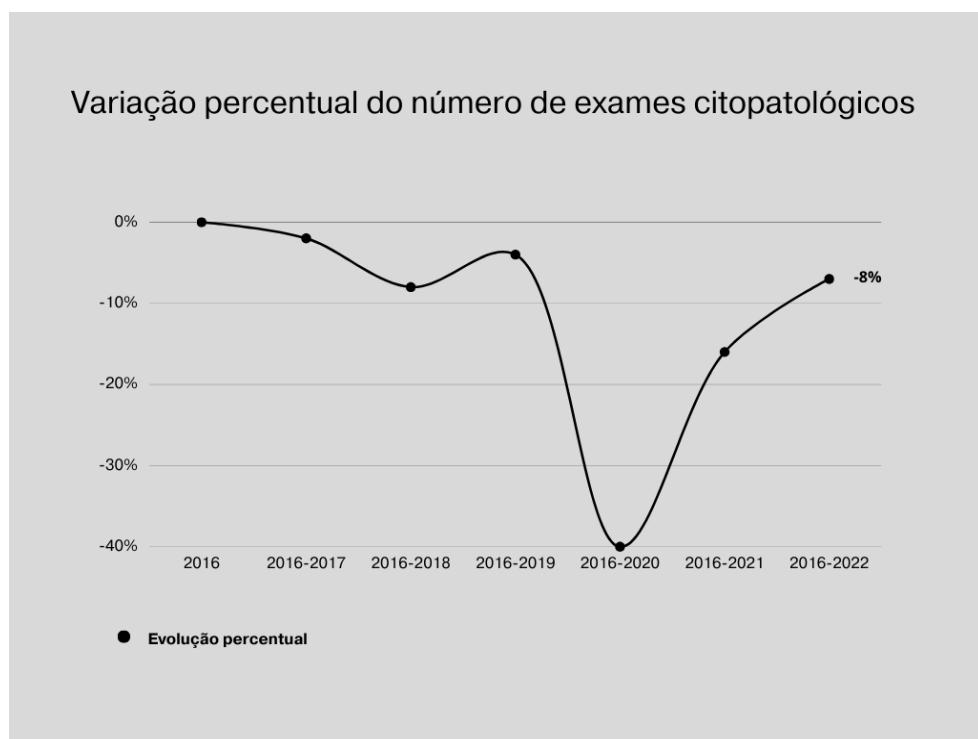
O presente trabalho tem por objetivo descrever a tendência temporal de exames citopatológicos de colo de útero no Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Foi realizado estudo ecológico para investigar o número de exames citopatológicos de colo de útero realizados no Rio Grande do Sul (RS), no período de 2016 a 2022, a partir de dados secundários do TabNet/DATASUS. Para tal foi investigada a produção ambulatorial (SIA/SUS), por local de atendimento (RS), com busca dos exames citopatológicos de colo de útero aprovados, por ano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da observação dos dados disponíveis no TabNet é possível perceber que no intervalo entre 2016 e 2019, no estado do Rio Grande do Sul, a quantidade de exames citopatológicos de colo de útero aprovados manteve-se relativamente constante com pequenas variações de até 4%. Entretanto, no ano de 2020, houve um declínio de 40% ($n=359.638$) do número de exames citopatológicos aprovados neste estado, quando comparado ao valor total inicial de 2016 ($n=595.951$). Cabe lembrar que no ano de 2020, vivemos a pandemia de COVID 19, com grandes restrições aos atendimentos ambulatoriais eletivos. No ano seguinte (2021) houve uma tentativa de retomada do número de procedimentos. Esta retomada é visível com o aumento de 24% (141.396) referente ao número total de exames citopatológicos aprovados em 2020, alcançando, em 2021, um número correspondente a 84% (501.034) quando comparado ao parâmetro inicial, de 2016 (595.951).



O rastreamento do CCU tem um alto potencial de salvar vidas, bem como de limitar os custos e encargos nos sistemas de saúde (FERREIRA, 2022). O controle dessa patologia é possível quando se tem o diagnóstico precoce. Denota-se que 100% dos casos que têm o diagnóstico precoce e o tratamento das lesões precursoras em fase inicial alcançam a cura (CASARIN, 2011).

O presente estudo encontrou resultados semelhantes aos de DUARTE *et al* (2022). Esses autores observaram que a pandemia levou a uma diminuição da oferta de procedimentos da cadeia de cuidados para prevenção do câncer de colo de útero em São Paulo, tais como exame citopatológico e conização, estimando um aumento de pacientes em cuidado paliativo para câncer cervical após as restrições da pandemia. É evidente que a importância do exame citopatológico no diagnóstico precoce do CCU aliada a queda da realização desse exame durante o período pandêmico foi um fator desencadeante para a piora no quadro geral dos prognósticos.

4.CONCLUSÕES

Diante do contexto da redução do número de exames de rastreamento oferecidos pelo Sistema Único de Saúde durante a pandemia, houve atraso no diagnóstico de lesões precursoras do câncer de colo uterino e, até mesmo, no diagnóstico da própria doença. Políticas públicas voltadas para melhorar a cobertura do exame citopatológico de colo de útero precisam ser implementadas, não só para se alcançar a cobertura de exame anterior ao período pandêmico, mas também aumentá-la ainda mais, visto que com isso é possível mudar o perfil de morbimortalidade dessa patologia.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Controles dos cânceres de colo do útero e da mama. 2 ed. Brasília, DF. **Editora do Ministério da Saúde**, 2013. 124 p.

CASARIN, M. R.; PICCOLI, J. DA C. E.. Educação em saúde para prevenção do câncer de colo do útero em mulheres do município de Santo Ângelo/RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 9, p. 3925–3932, set. 2011.

DUARTE, Mateus. Impact of COVID-19 in Cervical and Breast Cancer Screening and Systemic Treatment in São Paulo, Brazil: An Interrupted Time Series Analysis Check for updates with Crossmark. **JCO Global Oncology**, Brasil, p. 1-16, 13 jun. 2022. DOI JCOGLOBAL. Disponível em: <https://ascopubs.org/doi/full/10.1200/GO.21.00371>. Acesso em: 1 set. 2023.

FERNANDES, N. F. S. et al.. Acesso ao exame citológico do colo do útero em região de saúde: mulheres invisíveis e corpos vulneráveis. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 10, p. e00234618, 2019.

FERREIRA, M. DE C. M. et al.. Detecção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 6, p. 2291–2302, jun. 2022.

FREITAS, V. C. A. DE . et al.. Citopatológico do colo uterino e adequabilidade da amostra: ensaio clínico randomizado controlado. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, p. eAPE00972, 2023.

Instituto Nacional de Câncer. Detecção precoce do câncer. **Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva**. Rio de Janeiro: INCA, 2021. 72 p.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA.

Estimativa 2023: incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2022.

Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros/estimativa>.

VIEIRA, S. C. et al.. Metástase em couro cabeludo de câncer do colo uterino: relato de caso. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 25, n. 8, p. 609–611, set. 2003.